

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO ENSINO DE JESUS CRISTO E SUAS APLICAÇÕES PARA A PEDAGOGIA

(Theoretic-methodological contributions of Jesus Christ's teaching
and its applications on Pedagogy)

Recebido: 19/08/2019

Aprovado: 18/11/2019

Renato Araújo Torres de Melo Moul

Bacharel e Licenciado em Biologia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e
Universidade de Coimbra

Mestre em Ensino de Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Especialista em Ciências das Religiões pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN)

E-mail: torresmoul@gmail.com

RESUMO

A pessoa de Jesus Cristo, durante seu ministério terreno, desenvolveu uma intensa e extensa jornada de ensino. Com aulas que apresentavam claros objetivos, variados recursos, versátil metodologia e resultados expressivos, estimula e instiga pedagogos ainda modernos. Neste trabalho de pesquisa documental, buscou-se compreender os pressupostos teórico-metodológicos da pedagogia de Jesus. Utilizou-se a análise do conteúdo, proposta por Lawrence Bardin, a fim de compreender as concepções de variados autores acerca da didática do Senhor. Ao final, percebe-se que, no discurso implícito de teóricos distintos, evidencia-se uma concepção amplamente difundida da consolidada pedagogia de Jesus e que essa se constitui como objeto de estudo e elemento inspirador para docentes – cristãos ou não – e profissionais da educação.

Palavras-chave: Pedagogia; Jesus Cristo; Análise do conteúdo; Métodos.

ABSTRACT

The person of Jesus Christ, during his worldly ministry, developed an intense and extensive journey of teaching. With classes that present clear goals, varied resources, versatile methodology and expressive results, modern pedagogues are still encouraged and provoked on the present days. In this research work, we sought to understand the theoretical and methodological assumptions of Jesus' pedagogy. We used the analysis of the content, proposed by Lawrence Bardin, for the purpose of understanding the conceptions of several authors on the teaching method of the Lord. At the end, in the implicit discourse of different theorists, a widespread conception of Jesus' consolidated pedagogy is evidenced, and it constitutes an object of study and an inspiring element for teachers - Christians or not - and educational professionals.

Keywords: Pedagogy; Jesus Christ; Content analysis; Methods.

INTRODUÇÃO

O Senhor Jesus não lançava palavras ao vento. Possuía, como bom professor, objetivos que norteavam suas aulas. O objetivo geral do plano de aula do Mestre era “transformar a vida dos seus discípulos, e por meio deles, transformar outras vidas e regenerar a sociedade humana” (PRICE, 1980, p. 11). Isso pode ser apreendido de uma das grandes afirmações do Senhor “Eu vim para que tenham vida” (Jo 10,10). Sua metodologia baseava-se no diálogo por meio da contraposição de ideias que levam a outras ideias. Sua prática pedagógica pautou-se, antes de tudo, no investimento das relações interpessoais que se encontravam desintegradas. A pedagogia de Jesus era singular, servindo de modelo para qualquer docente da pós-modernidade: o Mestre conhecia a matéria que ensinava (Lc 24,27; Mt 4,4.7.10); conhecia seus alunos (Jo 21); ensinava de modo simples e claro (Lc 5,17-26) e, ainda, variava o método de ensino segundo o público e a ocasião.

A pregação de Jesus era contextualizada no espaço e no tempo, com objetivos claros de alicerçar um novo modo de pensar e de agir no coração do seu discipulado. Embora fosse o próprio Verbo encarnado, cheio de sabedoria e poder, adotava uma linguagem que alcançava os doutos e os leigos. Fez uso dos ditos populares, sabedoria acumulada e condensada em frases de efeito. Esses são aspectos importantes a serem citados, haja vista que a educação possui, segundo Mondin (2010), três eixos fundamentais: *o pessoal*, porque o educando é uma pessoa e, não, uma coisa ou objeto; *o social*, porque é um acontecimento eminentemente interpessoal e social, envolvendo no mínimo duas pessoas, e que tem como finalidade fazer-nos conhecer os outros e conviver com eles; e *o cultural*, porque transmite valores culturais elaborados que transforma o ser inculto em um ser que pode contribuir para o progresso da civilização.

Uma leitura atenta dos Evangelhos corrobora com os pressupostos supracitados. A personalidade de Jesus Cristo, o rabi da Galileia, atraía multidões. Seu ensino excedia todas as expectativas, dissolvia preconceitos, unia fragmentos, esclarecia mistérios, transformava o ouvinte e deixava-o com sede crescente de conhecimento de Deus.

Diante do exposto, surge a questão de pesquisa: *Quais os aportes teórico-metodológicos da pedagogia e didática de Cristo, evidenciados ao longo de seus ensinamentos proferidos, e como são (re)lidos sob a lente da pedagogia na era ultramoderna?*

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Bíblia Sagrada, em seu Antigo e Novo Testamento, evidencia claramente o ofício pedagógico ao longo de suas páginas, desde a concepção da educação familiar - proposta no Pentateuco - até a formação das sinagogas, como um espaço de formação da sociedade judaica ao redor dos princípios éticos e morais revelados por Deus em sua Lei. O ensino perpassa ainda pelos sacerdotes, profetas e escribas,

culminando nos discípulos e apóstolos, pioneiros da Grande Comissão (Mt 28) que tinha como principal objetivo o ir e o ensinar.

As Sagradas Escrituras estão enriquecidas de cenários que giram em torno do processo de ensino e aprendizagem. Deus é o Autor de toda a vida intelectual desde o Antigo Testamento, em que encontramos com frequência o Espírito Santo relacionado à vida intelectual de diversos homens (Jó 32,8; Ex 31,2-6; Dt 34,9; Jz 15,14; 1Sm 10,6). Somente no Salmo 25, podemos visualizar quatro ações de Deus – apresentadas pelo salmista – diretamente ligadas à docência: aponta (v. 8), guia (v. 5), ensina (v. 9) e instrui (v. 12).

A instituição da família por Deus configura-se, nas páginas veterotestamentárias, como um ambiente de ensino formulado pelo Senhor, executado pelos pais e aproveitado pelos filhos. No lar judaico, os próprios pais eram os mestres; os filhos, os alunos; e os mandamentos do Senhor, o conteúdo. Maia (2013) confirma esse pensamento ao expressar que os grandes feitos de Deus na história formavam o currículo, haja vista que os filhos não haviam sido testemunhas de tais feitos, mas aprenderiam, por meio de seus pais, aqueles fatos e seu significado para a fé hebraica, realçando a aliança de Deus com o seu povo.

Esse ofício de ensino nos lares, entre pais e filhos, é reafirmado em diversas passagens bíblicas como Êxodo 12,26, Êxodo 13,14, Deuteronômio 6,20-21, Josué 4,5-6 e Josué 4,20-21.

Mais à frente, quando Israel se tornou uma nação já robusta, o Senhor Deus entregou aos sacerdotes (levitas) a incumbência de ensinar a Lei ao povo, lendo-a publicamente e aplicando-a aos devidos contextos (Lv 10,11; 2Rs 12,2; 2Cr 35,3). Em Jeremias 2,8, eles são apresentados como “os que tratavam da lei”. Seguidamente, a tarefa do ensino foi também estendida aos profetas, principalmente durante e após o exílio babilônico. Esses homens traziam sempre uma mensagem baseada na Lei, unindo a vontade de Deus com o modo de vida do povo.

Em períodos neotestamentários – específicos do ministério terreno de Jesus Cristo –, o ensino era executado pelos rabinos, chefes de sinagogas que detinham o conhecimento da Lei e dos Profetas. A tradição oral era o ponto-chave no processo de ensino e aprendizagem. Destacava-se o aluno que replicasse mais fielmente o que aprendia de seu mestre.

No NT, a figura dos mestres eclesiais autorizados permanece. Segundo Fontes (2018), os principais deles foram os apóstolos (At 6,1-4), seguidos pelos pastores e mestres (Ef 4,11) e pelos presbíteros, cuja aptidão para o ensino é apresentada pelo NT como uma das condições para a sua escolha (1Tm 3,2). Para além das figuras individuais, o NT trata a igreja como uma comunidade pedagógica (1Tm 4,13; 5,17; 6,3).

O ministério do ensino é “um dos dons espirituais que Deus outorga à Igreja, por meio de Cristo e através do Espírito Santo, configurando-se em três listas de dons, escritas por Paulo, nas cartas aos romanos, aos coríntios e aos efésios” (PAZMIÑO, 2008, p. 73). É em Cristo que a integração e integridade da educação se encontram, porque nele estão a sabedoria e o conhecimento (Cl 2,17). Tye (2018) coaduna com essa visão de Cristo como exemplo de educador ao citar o texto de

Isaias, o profeta messiânico, como um dos objetivos da missão do Senhor: trazer boas novas, proclamar libertação, proclamar o ano aceitável do Senhor (Lc 4,18-19). Haja vista que o próprio Jesus fez a citação dessa passagem como uma autoafirmação de seu ministério terreno.

Desse modo, ao deparar-se com um estudo razoável dos parâmetros educacionais que regem a docência, é possível perceber que o ensino proposto por Jesus Cristo se amparava em sólidas bases teórico-metodológicas, referências para qualquer ambiente/tempo da história, no que tange o contexto docente.

2. A PEDAGOGIA DE JESUS, O MESTRE POR EXCELÊNCIA

Diversos trabalhos, ao longo das décadas, se debruçaram sobre os aspectos metodológicos do Senhor Jesus (KROKSMARK, 1996; ANDRADE, 2000; BARTHOLOMÄ, 2012; COSCIA, 2016; DAUSÁ, 2002; DOMINGUES, 2017; FERNANDES, 2001; GILBERT, 2008; TULER, 2003), ora destacando os aspectos teológicos do conteúdo de seus ensinamentos, ora investigando os passos metodológicos desses.

Todavia, trabalhos que analisem, de forma dialogada, ambos os aspectos (teóricos e metodológicos) da pedagogia de Cristo são mais singulares no *corpus* acadêmico, razão pela qual se procura, neste artigo, triangular tais aspectos ainda com os objetivos, quer primários quer secundários, de suas ministrações.

Em seu ministério, Jesus utilizou variados recursos didáticos. Ele referiu-se aos lírios, aos campos brancos, ao caminho, à rocha, à porta, à areia, às redes, ao jugo; colocou um menino no meio dos discípulos para ilustrar a humildade; e usou a água que uma mulher tirava do poço para ensinar que Ele é a água da vida. Isso deve-se ao fato do Mestre por excelência possuir claramente um objetivo para suas aulas. Germano (2018) confirma que Cristo tinha seu objetivo e sabia o que estava fazendo, sabia para que foi chamado e por que estava ensinando. O autor recapitula que Jesus utilizou variados métodos, destacando o método expositivo, no sermão da montanha; o diálogo, com Nicodemos e com a samaritana; e perguntas e respostas, ao ensinar sobre o fundamento da Igreja.

O mestre era “um contador de histórias (ao contar parábolas), um guia (ao convidar pessoas para segui-lo), alguém que fazia perguntas (os evangelhos estão cheios delas), alguém que traduzia em ação o que ensinava (lavou os pés dos discípulos para ensinar-lhes a servir os outros) e muito mais” (GRIGGS, 2015, p. 25). Price (1980) concorda com tal ponto ao afirmar que Jesus foi perito na arte de ensinar, pois vê-se que ele empregou, aqui e ali, os métodos usados hoje em dia: perguntas, preleções, histórias, conversas, discussões, dramatizações, lições objetivas, planejamentos e demonstrações.

De acordo com os registros dos Evangelhos, Jesus fez mais de 100 perguntas com a finalidade de reunir as pessoas em situações de aprendizagem. Seus ensinamentos eram iniciados, muitas vezes, com problematizações que levavam o aprendiz à busca

pela verdade. Jesus abordava questões específicas e universais, levando os ouvintes a profundas reflexões. Lançava mão do método dedutivo, indutivo e comparativo. Ele não dava respostas, mas apresentava pistas (Mt 11,15).

As vantagens dos métodos são que servem de contato entre o professor e o aluno. Jesus demonstrava que conhecia bem essa relação, a partir do momento em que utilizava variados métodos, pois

Jesus usou o método audiovisual. Os psicólogos ensinam que as impressões que entram pelos olhos são as mais permanentes. Jesus utilizou este método: Mateus 6,26 (olhai para as aves do céu), Mateus 6,28 (olhai para os lírios dos campos), João 10,9 (eu sou a porta); João 15,5 (eu sou a videira verdadeira, vós as varas); Jesus usou o método de narração. São histórias, como janelas deixando a luz entrar. A história é para as crianças o que o sermão é para os adultos, Jesus para ensinar certa lição a Pedro usou método de tarefas. Mateus 17,24-27. Outro exemplo: João 9,6-7, Marcos 6,45-62, Mateus 17,16-21, Lucas 9,14-17; Atos 17,11 (CORTEZ; MARTINS, 2014, p. 4).

Jesus fazia uso de grande simplicidade em suas afirmações, auxiliada por sua aversão a termos técnicos e pelo uso frequente de ilustrações em parábolas, demonstrando que o Mestre sabia conduzir as pessoas do conhecido ao desconhecido (PFEIFER et al., 2012).

Analisando-se o texto de Lucas 24,13-35, na caminhada de Jesus com dois discípulos, é possível visualizar elementos de sua pedagogia:

Enquanto caminhavam para Emaús, Jesus apareceu aos dois e, após ouvir, explicava as Escrituras, desde Moisés, para que compreendessem a morte de Jesus. Ao estarem eles à mesa, Jesus partiu o pão e o abençoou. Esta foi a ação prática que levou aos dois a reconhecerem Jesus. E retornaram a Jerusalém contando o ocorrido. Ou seja, houve a explanação, o exemplo prático e a anunciação. Em outras palavras, a pedagogia de Jesus é a fala, a mostra e o envio para a missão (LIMA, 2017, p. 40).

Não somente os recursos variavam, como também os lugares. Jesus era criativo também quanto ao contexto da educação. Embora o vejamos ensinando em uma sinagoga (Lc 4,31-37), Tye (2018) o aponta ministrando aulas também ao lado de um poço (Jo 4,1-42), em uma montanha (Mt 5,1-11), em uma casa (Lc 10,38-42), durante um banquete (Lc 5,29-39), em um barco (Mc 4,35-41), nos campos (Lc 6,1-5) e, até mesmo, durante uma caminhada (Lc 24,13-35). Essa leitura é confirmada até em verbetes de dicionário bíblico (PFEIFER et al., 2012), ao listar que Cristo desenvolvia seus ensinamentos em variados cenários: sobre o declive de uma montanha, à beira de um lago, nos lares, nas sinagogas e no templo de Jerusalém.

Com certeza, por esse motivo, alguns autores afirmam que, inegavelmente, Jesus foi um dos maiores educadores de adultos que o mundo já conheceu (CORTEZ; MARTINS, 2014). O Mestre revolucionou não somente o ensino de seu tempo, como também de todas as épocas, pois ele falava por meio de parábolas, usava a dicção profética, salmodiava quando seus discípulos pediam que os

ensinassem a orar (ANDRADE, 2000). Como professor, era profeta, salmista e pregador. Em sua base curricular, utilizava tanto os postulados da Lei e dos Profetas, como conhecimentos cotidianos de seus ouvintes, a fim de ministrar um ensino contextualizado com as demandas de sua época. Mondin (2010, p. 124), ao afirmar que a educação deve ser integral - isto é, relativa tanto ao aspecto material quanto espiritual do homem –, mostra-nos que “ela deve permutar princípios, critérios, valores, métodos com a filosofia, a estética, a ética, etc. segundo os problemas específicos que deve enfrentar em seu âmbito”.

Por isso, não é em vão que, por sessenta vezes, as pessoas se dirigiram a Jesus chamando-o de Mestre (Mt 4,23; 9,35; Lc 20,1). Chamando as pessoas também por seu nome (Jo 1,42), o Senhor empregou palavras que despertavam a atenção dos ouvintes. Ele vivia o que ensinava. A meta de Jesus era tirar as pessoas de onde elas estavam para onde elas deveriam estar. O Mestre derruba toda barreira cultural, social, étnica, política, sexual e religiosa. Jesus instigava uma resposta do interior das pessoas para a retidão e obediência ao Pai, fazendo uso de impressão e expressão (Mt 4,19-20; 7,20). Jesus usou a si mesmo para impressionar e motivar seus seguidores a agir e obedecer. Ele era o primário e completo exemplo.

Muito mais preocupado com a mudança radical por parte de seus ouvintes, não buscava apenas uma aprendizagem cumulativa, com memorizações e repetições, mas, sim, uma mudança estrutural nos domínios conceituais, conduzindo à autonomia do aprendiz, o que corrobora com as aspirações acadêmicas modernas no seio da pedagogia construtivista (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2007; ELKJAER, 2013; MORIN, 2003; POZO; CRESPO, 2009).

Até mesmo psicólogos (CURY, 2016) apontam que Jesus ensinou o caminho da simplicidade. Aprender ser simples por fora, mas forte, lúcido e seguro por dentro era uma lição básica. Amava agir com naturalidade e espontaneidade. O mestre da vida foi muito longe em seu treinamento. Ensinou o caminho da tranquilidade. Treinou seus discípulos a encontrar a paz interior perdendo seus inimigos. Ensinou a nunca desistir da vida. Mostrou que valorizava mais as pessoas que seus percalços. Ensinou a arte da sensibilidade. Ensinou a respeitar o direito de decisão das pessoas.

Em suma, em toda a sua vida, Cristo ensinou.

3. METODOLOGIA

Caracterizar a pesquisa qualitativa não é tarefa fácil, devido à variedade de terminologias a ela conferida, como naturalista, pós-positivista, antropológica, fenomenológica ou, ainda, construtivista (ALVES, 1991). Por outro lado, frequentemente se dá um equívoco por parte dos pesquisadores em sugerir uma falsa oposição entre o qualitativo e o quantitativo. Esse equívoco deve ser dissolvido, pois ambas as perspectivas podem, e até devem, estar presentes em um percurso metodológico.

Três princípios podem ser apontados para a pesquisa qualitativa: visão holística, abordagem indutiva e investigação naturalística (PATTON, 1986). Por visão holística, entende-se que a compreensão de um significado ou evento se dará em função da compreensão das inter-relações que se dão entre determinados

contextos. A abordagem indutiva se refere àquela em que o pesquisador parte de observações mais livres, aguardando que categorias emergam paulatinamente durante a coleta e registro dos dados. E, por fim, a investigação naturalística é aquela em que se procura reduzir ao máximo a intervenção do pesquisador no contexto da pesquisa.

Em uma abordagem qualitativa, o pesquisador coloca interrogações que são gradualmente discutidas durante o próprio curso da investigação. Ele formula e reformula hipóteses, tentando compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objetos de reflexão e análise. Assim, as hipóteses deixam de ter um papel comprobatório para servir de balizas no confronto com a realidade estudada (SUASSUNA, 2008).

Seguiremos, então, uma abordagem qualitativa, pois essa permite a interação do pesquisador com o que está sendo pesquisado, num processo indutivo e simultâneo por meio de uma realidade subjetiva e múltipla.

4. CONTEXTO E ABORDAGEM DA PESQUISA

O presente estudo busca responder aos objetivos atrelados à questão de pesquisa abordada na Introdução. A proposta teórico-metodológica para a execução dessa pesquisa foi a Análise do Conteúdo, desenvolvida por Lawrence Bardin (1988) e que se constitui em um conjunto de técnicas de análises das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, cujo objetivo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou, eventualmente, de recepção, inferência que ocorre por indicadores quantitativos ou não. Produzir inferências sobre o texto objetivo é a razão da análise de conteúdo, promovendo uma comparação entre a informação do conteúdo e suas aplicações. Um dado sobre o conteúdo de uma comunicação é sem valor até que seja vinculado a outro, e esse vínculo é representado por alguma forma de teoria.

A fim de realizar as inferências, elegeram-se as categorias e os indicadores, que deram suporte às categorizações, por meio das unidades de registro em que o conteúdo a ser analisado se encontra. Inicialmente, cabe uma primeira distinção entre unidade de contexto e unidade de registro. Enquanto a primeira contribui para a compreensão de sentidos a fim de codificar as unidades de registro que, agrupando-as, lhes atribui um sentido engajado, ou seja, corresponde ao segmento da mensagem que, pela dimensão superior, propicia compreender o significado de registro, a segunda é uma unidade de significação a ser codificada e corresponde ao menor segmento de conteúdo a ser considerado como unidade de base, visando à categorização e podendo ser de natureza e dimensões variadas (BARDIN, 1988).

Iniciou-se a escolha de materiais para análise, advindos da literatura especializada em Educação Cristã, o que totalizou oito itens: cinco livros, duas dissertações e um artigo de periódico. Seguidamente, procedeu-se à leitura flutuante, uma leitura panorâmica dos materiais, a partir da qual se iniciam as categorizações. Destacam-se as unidades de contexto – parágrafos, subitens ou subtópicos – que possuem textos referentes à temática principal, a metodologia de ensino de Jesus. A

partir de então, prosseguiu-se com o destaque das unidades de registro, porções propriamente ditas que contenham ideias explícitas e/ou implícitas do tema central.

Desse modo, as categorias de classificação emergiram após a leitura do *corpus*, sendo denominadas, assim, de categorias empíricas, pois são originadas da experiência da leitura, ao contrário de categorias teóricas – outra modalidade da análise do conteúdo –, que são pré-definidas com base na literatura especializada e que moldam a leitura flutuante na procura por elementos que as contemplem em sua classificação.

Após a leitura flutuante de todas as respostas, em que ocorre o primeiro olhar para as devidas inferências, iniciou-se a categorização. Definiram-se seis categorias: **visão espiritual**, na qual foram consideradas as citações que apontam o caráter espiritual, místico, etéreo dos ensinamentos de Jesus, intimamente relacionadas com a dimensão elevada de sua missão celeste revelada em sua vida terrena. Em relação a **visão metodológica**, apontam-se os elementos puramente procedimentais da pedagogia do Mestre, os recursos didáticos por ele utilizados, seu modo de conduzir a docência. A respeito da **visão curricular**, destacou-se o conjunto de ensinamentos com base em seu aporte teórico, os registros da Lei e dos Profetas, a Torá, a tradição judaica e qualquer outro registro que remete à fundamentação teórica do ensino de Cristo. A **visão aplicativa** se refere ao modo como os autores veem a aplicação direta dos ensinamentos de Jesus, como o mestre utilizava suas lições para serem executadas na vida cotidiana, como suas aulas extrapolam os ambientes de ensino e interferem diretamente na realidade diária. Por fim, a **visão objetiva** se refere ao eixo condutor de suas aulas, os objetivos gerais e/ou específicos, demonstrados na forma do Senhor conduzir os ensinamentos, permitindo inferências sobre o que ele desejava alcançar.

Nomearam-se as categorias com siglas que correspondiam ao seu título, utilizando as suas iniciais com letras maiúsculas, como é possível visualizar no Quadro 2. As unidades de registro foram identificadas numericamente com algarismo romano, seguidas do número que identifica o item analisado, da mesma forma que a Unidade de Contexto (UC). Desse modo, a codificação de uma determinada unidade de análise se daria, por exemplo, como **VM I.8.2**, significando a unidade de registro I, do item 8 (PRICE, 1980), relacionado à UC número 2.

O Quadro 1 traz um breve resumo sobre as etapas da análise do conteúdo (BARDIN, 1988) e suas respectivas definições metodológicas.

Quadro 1: Etapas da Análise do Conteúdo

Procedimento	ETAPA	Objetivo
Constitui uma leitura primária e fluida do material a ser analisado, de forma panorâmica e abrangente.	LEITURA FLUTUANTE	Busca captar eventuais unidades de contexto que permitam o pesquisador prosseguir com a análise do conteúdo.
São conclusões primeiras que relacionam o material analisado a temas envolvidos com a temática da pesquisa.	INFERÊNCIAS INICIAIS	Permitem um amadurecimento inicial das concepções do pesquisador frente à disponibilidade de material para análise.

Destaques de trechos de textos e/ou palavras que coadunem com a temática da pesquisa.	REGISTRO DAS UNIDADES DE ANÁLISE	Promove a robustez da análise, a partir do momento que alimenta possíveis categorias empíricas e/ou teóricas.
Encaixe das unidades de análise em suas respectivas categorias, fruto da leitura e inferências iniciais.	CATEGORIZAÇÃO	Organiza o material analisado em eixos norteadores que agrupam elementos com denominadores comuns.
Conexões conclusivas entre as unidades de análise, a partir da união de materiais distintos que se confirmam em suas afirmações.	INFERÊNCIAS FINAIS	Confirmam o material analisado e criando um perfil identitário de afirmações que culminam em aportes conclusivos da pesquisa.

Para este artigo, o foco da análise dirigiu-se para os trechos de textos oriundos da leitura do material analisado que se relacionavam diretamente com a temática da pesquisa, o perfil teórico-metodológico da pedagogia de Jesus Cristo, ao longo do seu ministério terreno.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo das leituras e inferências dos textos analisados, delineou-se um olhar que transita entre a multiplicidade de concepções acerca da temática “pedagogia de Cristo”. Todavia, é notável que diversos autores – em variados contextos – enxergam um denominador comum nos pressupostos teórico-metodológicos de Jesus Cristo. A contribuição deste trabalho é realçar esse denominador comum e discuti-lo sob a luz de um referencial teórico bem consolidado.

Vale ressaltar que as categorias aqui utilizadas são de cunho empírico, pois emergiram a partir da leitura dos dados. Evidentemente que cada autor, com seus fundamentos teóricos, apresenta especificidades no discurso e ainda similitudes que evidenciam a robustez e clareza da metodologia de Jesus. Essas similaridades estão resumidas em algumas expressões que aparecem recorrentemente nos textos analisados e foram captadas a partir do olhar sobre a lógica argumentativa de cada autor. Entre elas, estão: os objetivos do ensino, o diálogo e as perguntas como frequentes métodos, a espiritualidade do Mestre, o ensino a partir do exemplo de sua prática de vida, a empatia para com os alunos, a versatilidade do local de ensino. Essas expressões contribuíram para a consolidação da construção de categorias para a análise do conteúdo.

O Quadro 2 resume unidades de análise e registro – para cada um dos autores escolhidos – utilizadas para a execução da AC, seguidas de categorias nas quais podem ser alocadas. Essa é uma tentativa de ilustrar, da forma mais prática possível, os encaminhamentos metodológicos de um trabalho exaustivo e minucioso de leitura e interpretação do material analisado. As citações do quadro a seguir contêm grifos nossos.

Quadro 2: Exemplificação de análise do conteúdo.

Material analisado	Unidade de Análise e de Registro	Categoria
1. CARVALHO (2015)	“Em síntese, a educação de Nosso Senhor Jesus Cristo <u>era reflexiva e crítica</u> , pois Jesus <u>nunca dava respostas prontas</u> e acabadas, em vez de impor sua cosmovisão, <u>Ele auxiliava as pessoas a descobrir a verdade</u> por si mesmas para que, assim, pudessem construir sua cosmovisão” (p. 57).	Visão metodológica (VM)
2. MAIA (2013)	“As nações virão a Jerusalém para que Deus as ensine (Is 2,3). O Servo do Senhor que virá, possui a língua e os ouvidos de erudito (Is 50,4). Os genuínos filhos de Israel vivem na gloriosa esperança <u>aguardando com alegria a era messiânica, quando todos serão ensinados pelo Senhor</u> ” (p. 79).	Visão espiritual (VE)
3. PAZMIÑO (2008)	“O ensino de Jesus <u>foi organizado em blocos de instrução</u> que ofereciam direção curricular para a igreja cristã que surgia. As cinco principais seções de ensino incluem as seguintes: 5,1 – 7,17; 10,1-42; 13,1-52; 18,1-35; 23,1-25,46” (p. 34).	Visão curricular (VC)
4. KUNZ (2006)	“As ações parabólicas de Jesus são pregação. Jesus não só pregou a mensagem das parábolas, <u>mas também as viveu e as corporificou</u> em sua pessoa. <u>Jesus não só fala a mensagem do reino de Deus, ele a é ao mesmo tempo</u> ” (p. 14).	Visão espiritual (VE)
5. OLIVEIRA (2017)	“Dessa forma os ensinamentos de Jesus se apresentavam de modo intencional, <u>com objetivos claros do que queria ensinar</u> . Portanto, verifica-se mesmo que de modo implícito, seus ensinamentos são muito bem delineados” (p. 144).	Visão objetiva (VO)
6. LIMA (2017)	“A sua forma de ensinar e passar a sabedoria não era bem vista por aqueles que estavam no poder ou por aqueles que tinham o poder da transmissão da palavra, como os escribas. <u>É possível fazer uma analogia com a contemporaneidade</u> , quando a soberba da academia muitas vezes deixa a sabedoria do senso comum de lado” (p. 34).	Visão aplicativa (VA)
7. FONTES (2018)	“Se considerarmos que o ensino de Jesus <u>encontra seu fundamento na lei e nos profetas e seu desenvolvimento nos escritos apostólicos</u> , concluiremos que o conteúdo da educação eclesial não se restringe às palavras pronunciadas diretamente por ele, mas inclui aquelas que ele disse por meio dos profetas e apóstolos e que foram registradas e preservadas na Bíblia Sagrada” (p. 96).	Visão curricular (VC)
8. PRICE (1980)	“Jesus foi consumado mestre na arte de ensinar, quando vemos que <u>ele praticamente empregou aqui e ali</u> , pelo menos em embrião, <u>os métodos usados hoje em dia</u> — perguntas, preleções,	Visão metodológica (VM)

histórias, conversas, discussões, dramatizações, lições objetivas, planejamentos e demonstrações” (p. 23).
--

Observe ainda que cada autor pode possuir duas ou mais visões acerca dos aportes teórico-metodológicos de Jesus. Entretanto, por questões de espaço, não há possibilidade de desenvolver todos os achados de forma pormenorizada.

Por exemplo, Maia (2013) elenca ainda uma lista de situações em que o Mestre Jesus aparece exercendo o ofício do ensino através da evangelização, pois, de acordo com o autor, essa tarefa possui cunho educativo. Alguns trechos seguem transcritos do livro analisado, com grifos originais:

Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo (Mt 4,23).

E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades (Mt 9,35).

Aconteceu que, num daqueles dias, estando Jesus a ensinar o povo no templo e a evangelizar... (Lc 20,1).

Nesse trecho, encontra-se uma **visão metodológica**, a partir da qual se indica qual o método utilizado por Cristo ao longo do seu ensino: a exposição o evangelho. O que se pode ainda destacar como sendo parte do currículo de ensino.

Com relação à **visão curricular**, o conteúdo dos Seus ensinamentos era claramente a Palavra de Deus revelada na Escritura e, não, questões teológicas da alta ou baixa crítica (DOWNS, 2001).

Tye (2018) indica que o Cristo era muito claro quanto ao propósito de seu ministério, explicitando assim a **visão objetiva**. Ao utilizar as palavras do profeta Isaías (cf. Lc 4,18-19), observa-se que esse objetivo moldou o que ele fez, aonde ele foi, o que ele disse e com quem passou o tempo.

Essa visão é captada ainda por Cury (2016), ao afirmar que o objetivo de Jesus não era reformar a religião judaica. Seu projeto era muito mais ambicioso, pois buscava causar uma profunda transformação no cerne da alma humana, uma profunda mudança na maneira de o homem pensar o mundo e a si mesmo. Esse pensamento encontra congruência em Mondin (2010, p. 129) ao afirmar que a “autêntica educação deve ser a autoeducação, porque não é concebível uma maturação integral insciente e destituída de esforço pessoal”. O autor orienta ainda que a educação deve permitir ao aluno a realização de sua personalidade e o seu desenvolvimento harmonioso, na formação do ser como indivíduo e como participante de uma comunidade.

Acerca ainda dos métodos, Griggs (2015) destaca o uso das parábolas e explica sua escolha pelo Mestre. Para o autor, as pessoas quem Jesus ensinava tinham um conhecimento prévio sobre pais e filhos, sobre pastores e ovelhas, sobre semeadores e trabalhadores numa vinha. Assim, podia conduzir as pessoas ao entendimento das verdades eternas. Ainda hoje, os pressupostos teóricos da

educação – séculos seguintes ao ministério de Cristo – sugerem que o conhecimento prévio dos alunos deve ser o ponto de partida de uma aula que busca maximizar a compreensão do que é ensinado (BACHELARD, 1996; POZO; CRESPO, 2009; VIGOTSKY, 1998). Uma aprendizagem significativa e eficiente parte da cognição do indivíduo somada às suas experiências.

Esta ocorre por meio da experimentação com o mundo, na qual a cognição é necessária para criar continuidade de pensamento e ações experimentais. A linha divisória entre a experiência não cognitiva e a cognitiva flutua, mas, para que a experiência se torne uma experiência de aprendizagem, no sentido de que possa informar experiências futuras, ela deve sair do campo corporal e não discursivo e entrar para o campo cognitivo e consciente da experiência. Em suma, ela deve se tornar reflexiva e comunicada (com o *self* e o outro) para ser usada mais adiante de maneira antecipatória e emancipatória (ELKJAER, 2013, p. 101).

O ensino de Jesus contemplava a formação do *ethos* e da *episteme* de cada indivíduo, permitindo que esses futuramente utilizem o conhecimento adquirido de forma aplicada nas mais diversas situações.

Nesta direção, Pazmiño (2008), ao discorrer uma análise da leitura do encontro de Jesus com dois discípulos no caminho de Emaús (cf. Lc 24,13-35), aponta cinco componentes-chave desse episódio de ensino: a discussão (v.14), as perguntas abertas (v. 17), a correção e o esclarecimento (vv. 25-27), o estabelecimento de papéis (vv. 30,31) e a necessidade de resposta (vv. 33-35). Claramente se expõe, nesse breve relato, uma profunda e larga variedade de abordagens no método de Jesus, em confirmação com o que se apresenta na fundamentação teórica desse trabalho, a multiplicidade de metodologias utilizadas pelo Mestre. Esses Métodos permitiam o aprendiz tomar parte significativa no processo de aprendizagem, não apenas como receptor, mas como agente direto da construção do conhecimento. O mesmo autor lista, na variedade de métodos de Jesus, inumeráveis elementos, entre eles, “o exagero (Lc 14,26), a hipérbole (Mc 10,24-25), o jogo de palavras (Mt 23,23-24), o símile (Mt 10,16), a metáfora (Mt 5,13-16), o provérbio (Mt 6,22), o enigma (Mc 14,58), o paradoxo (Lc 14,11), uma declaração *a fortiori* (Mt 7,1-11), a ironia (Lc 12,16-20), perguntas (Mc 8,27-32), a ação parabólica (Lc 19,1-6), a poesia (Lc 16,10) e um grande número de parábolas, como já bem se conhece” (PAZMIÑO, 2008, p. 91). Para esse autor, a **visão metodológica** também está bem presente no discurso.

Podem ainda ser elencados, como princípios gerais da metodologia de ensino de Jesus, os seguintes fatores: possuía autoridade; confiava no poder da verdade para convencer os ouvintes; procurava fazer com que as pessoas pensassem por si mesmas; vivia aquilo que ensinava; e amava aqueles a quem ensinava (STEWART, 2001). O Mestre não possuía uma maneira fixa de passar as lições, mas tinha sempre a intenção de atrair de início a atenção dos outros (LIMA, 2017).

Sequencialmente, ainda se aponta a **visão curricular** da pedagogia de Cristo. Apresentando o largo espectro de parábolas utilizadas pelo Mestre e apontando suas devidas aplicações, percebe-se que, nas ações parabólicas de Jesus, está presente o

elemento da necessidade de reflexão e resposta por parte do ouvinte/assistente, explicitando, assim, uma pedagogia construtivista, na qual o aluno participa ativamente da construção do conhecimento (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2007; KUNZ, 2006).

Essa mesma visão é desenvolvida também por outros dois autores (FONTES, 2018; PRICE, 1980), que reconhecem a dificuldade de ensinar alguns termos e conceitos nos tempos de Jesus. O primeiro autor assume que o conceito “reino de Deus ou reino dos céus” era um dos mais complexos para se tratar ao longo do ministério de Cristo, contemporâneo ao império romano que dominava Jerusalém. No entanto, o Nazareno não se esquivou e incluiu tal temática em seu currículo, o que pode ser conferido ao analisar-se os Evangelhos sinóticos, mais precisamente Mateus 15,32; 17,23, Marcos 8,1; 9,32 e Lucas 9,18-45.

Os pressupostos teórico-metodológicos do Senhor eram diferenciados daqueles dos seus contemporâneos e, mesmo, de muitos profissionais atuais. Quando as pessoas vinham até Jesus para lhe fazer questionamentos,

Ele sempre as desafiava a pensar um pouco mais. Jesus nunca dava respostas prontas, e quando fazia isso, não era porque não sabia responder e nem porque era orgulhoso, mas agia assim no intuito de que a pessoa que o interrogara, pudesse construir o conhecimento juntamente com Ele (Jo 3,1-12) (CARVALHO, 2015, p. 350).

Até mesmo a dramatização pode ser apontada como um dos fortes recursos didáticos utilizados por Cristo:

Dentre outras atividades dramáticas que caracterizaram o ministério do Mestre encontra-se o caso de expulsão dos mercadores do Templo (Mat. 21,12-16). Jesus viu que os judeus estavam abusando do privilégio de vender animais e aves para os sacrifícios àqueles que não os tinham, e estavam fazendo aquilo mais para se locupletarem do que para servir ao povo. Assim tomou um chicote de cordéis e expulsou os mercadores, espalhando as aves e os animais, derrubando as moedas no chão, e dizendo: "Minha casa será chamada casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões" (v. 13). Dessa forma Jesus **proclamou dramaticamente** a santidade do Templo e do culto a Deus. "A purificação do templo não foi tanto por causa do próprio edifício, e, sim, mais **para ensinar** ao povo a grande lição da reverência" (PRICE, 1980, p. 124, grifo nosso).

Em suma, os métodos de ensino de Jesus são tomados como referenciais pedagógicos até os dias atuais (GERMANO, 2018). Muitas das coisas que Ele fez e disse servem como um modelo para os educadores cristãos da idade moderna, ou mesmo pós-moderna (DOWNS, 2001).

CONCLUSÃO

O povo corria para Jesus, porque ele o alimentava com verdades que seu coração desejava ansiosamente. As multidões chegavam a segui-Lo até em lugares

inóspitos, somente para ouvir seu ensino. A metodologia utilizada por Jesus na formação dos discípulos é o seu próprio testemunho de vida: "Segue-me!" (Lc 5,27). Suas atitudes era o próprio convite.

Este trabalho não busca esgotar a temática, mas trazer, como contribuição, uma ventilação teórica sobre os aspectos pedagógicos do ministério de Jesus, culminando em possíveis e eventuais adaptações e aplicações aos mais variados ambientes de ensino-aprendizagem não só religiosos, mas até seculares.

Em tempos de uma educação materialista, individualista e egocêntrica, próprias da modernidade líquida dos tempos pós-modernos, o exemplo de Jesus aquece corações vocacionados para o ministério de ensino, na busca por maiores e melhores resultados.

Seja em relação aos objetivos de uma aula, aos métodos nela empregados, ao processo avaliativo, ao *locus* propriamente dito no qual se dão os processos de ensino, ou mesmo ao conteúdo abordado, a maestria das ministrações do Nazareno reflete sua consolidada capacidade docente e reverbera sobre todos que, um dia, o conheceram, mesmo através das Escrituras Sagradas.

Por esse motivo, é em Cristo que a integração e integridade da educação se encontram, porque nele estão envolvidos todos os tesouros da sabedoria e conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, C. C. *Manual do superintendente da Escola Dominical: o modelo pedagógico de Jesus*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuições para uma psicanálise do conhecimento*. Trad. Estela Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTHOLOMÄ, P. F. *The Johannine discourses and the teaching of Jesus in the Synoptics: a contribution to the discussion concerning the authenticity of Jesus' words in the Fourth Gospel*. Tübingen: Francke Verlag, 2012.

CARVALHO, C. M. *Uma Pedagogia para a Educação cristã: noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CORTEZ, L.; MARTINS, E. Jesus e o ensino andragógico. *Ensaio pedagógico*, Curitiba, v. 7, p. 1-9, jun. 2014.

COSCIA, E. *Il Metodo Didattico di Gesù*. Revista Cristiano, 2016. Disponível em: <<http://lnx.ilcristiano.it/2016/07/01/il-metodo-didattico-di-gesu/>>. Acesso em: Abr. 2019.

CURY, A. *O mestre da vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

DAUSÁ, A. *Encuentros con el maestro: la pedagogia de Jesús de Nazaret*. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. *Ensino de ciências: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

DOMINGUES, G. *Andragogia de Jesus: a metodologia de ensino que transformou o processo educativo*. Curitiba: AD Santos Editora, 2017.

ELKJAER, B. Pragmatismo: uma teoria da aprendizagem para o futuro. In: ILLERIS, K. (Org.). *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Trad. Ronaldo Cataldo. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FERNANDES, I. S. *A ação educativa de Jesus: ensino para todas as gerações*. 2001. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

FONTES, F. *Educação em casa, na igreja, na escola: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

GERMANO, A. *Pedagogia transformadora*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

GIBERT, P. Critique, méthodologie et histoire dans l'approche de Jésus. *Recherches de Science Religieuse*, Paris, v. 96, n. 2, p. 219-240, 2008.

GRIGGS, D. *Manual do professor eficaz*. 6. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KROKSMARK, T. How did Jesus teach? The evangelists' descriptions of the teaching methodology of Jesus. *Scandinavian Journal of Educational Research*, Inglaterra, v. 40, n. 2, p. 103-135, 1996.

KUNZ, C. A. *Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações*. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.

LIMA, A. A. *Metodologia de ensino: uma análise do método de Jesus de ensinar*. 2017. 67 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2017.

MAIA, H. *Introdução à educação cristã*. Brasília: Monergismo, 2013.

MONDIN, B. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. Trad. J. Renard. São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, J. M. A didática de Jesus nos ensinamentos do prólogo do Sermão do Monte: as bem-aventuranças. *Teologia e Espiritualidade*, Curitiba, v. 4, n. 8, p. 141-159, dez. 2017.

PAZMIÑO, R. W. *Temas fundamentais da Educação Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

PFEIFFER, C. F.; VOS, H.; REA, J. *Dicionário bíblico Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. *A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico*. Trad. Naila Freitas. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

STEWART, J. D. *The life and teaching of Jesus Christ*. Nashville: Abingdon Press, 2000.

TULER, M. A. *Recursos didáticos para a Escola Dominical: ferramentas indispensáveis ao ensino bíblico infanto-juvenil*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

TYE, K. B. *Diretrizes para o ensino na igreja local: para se pensar e desenvolver o ministério educacional*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.